

O Programa do Chaves: crítica social e identidade

Dilermando Moraes Costa - UNIGRANRIO
Daniele Ribeiro Fortuna - UNIGRANRIO

Resumo

Há cerca de quatro décadas, *O Programa do Chaves* é transmitido com considerável frequência na televisão brasileira alcançando e atravessando gerações. Contudo, além de provocar risadas, a atração mexicana possui fortes críticas sociais que, embora não tenham sido pensadas para nossa sociedade, aplicam-se perfeitamente na pós-modernidade. Não apenas os assuntos abordados possuem grande relevância e apelo sociais, mas também a construção das personagens, uma vez que cada uma delas é responsável pela representação de uma vasta gama de contradições e manifestações socioculturais.

Palavras-chave: *O Programa do Chaves*; Crítica social; identidade.

Abstract

For about four decades, *O Programa do Chaves* has frequently been aired throughout generations in Brazil. Apart from making the audience laugh, the Mexican sitcom conveys strong social criticism, which establishes relation with post modernity in the Brazilian society. Not only do the issues discussed have great relevance, but also the construction of the characters shows social appeal, once each of them is responsible for representing a wide range of contradictions and socio-cultural manifestations.

Keywords: *O Programa do Chaves*; Social criticism; identity.

Introdução

Cada vez mais, a mídia está presente no nosso dia-a-dia. Seu conteúdo não apenas influencia nossas opções de consumo, mas a forma como pensamos e nos relacionamos com os outros e com o mundo. Entretanto, tal influência não se dá de forma passiva, como consideravam os primeiros estudos em Comunicação de massa. Somos capazes de criticar positiva ou negativamente, aceitar ou rechaçar, nos identificarmos ou não com o que lemos, ouvimos e/ou vemos. Como receptores, podemos interagir e até influenciar a construção de novos conteúdos a partir dessa interação.

Neste artigo, pretendemos discutir brevemente esta questão do receptor e sua capacidade crítica, para, então, debruçarmo-nos sobre seu principal objeto: *O programa do Chaves*. Veiculado na década de 1970 e reprisado atualmente – no Brasil e em vários países latino-americanos –, o programa mexicano reflete não apenas a sociedade daquele momento, mas se mostra atual ainda nos dias de hoje.

Partindo da construção dos personagens, buscamos mostrar a crítica social presente no programa, bem como seus aspectos identitários. Em seguida, Chaves, a personagem principal da série e sua identidade, tornam-se o foco da análise. Por fim, abordaremos a crítica social propriamente dita presente no programa.

Como escopo teórico, embora tenhamos nos valido da contribuição de vários autores, Stuart Hall e Néstor García Canclini são fundamentais para a nossa análise. A questão da identidade – abordada principalmente pelo primeiro – e a contextualização do momento atual, realizada pelo segundo, são pontos fulcrais deste artigo.

Como tentamos ressaltar, já que o receptor não é passivo, ele poderá perceber vários conteúdos críticos num produto da cultura de massa. Embora não façamos um estudo de recepção, buscamos mostrar aqui que conteúdos podem ser percebidos em *O programa do Chaves*.

Breve reflexão sobre o receptor e o impacto da mensagem

Quando se fala em leitura, para muitos, a primeira impressão é de se compreender o que está escrito em algum lugar através da decodificação do texto. Contudo, embora este conceito não esteja totalmente equivocado, ler significa usar de todos os conhecimentos acumulados pela nossa mente e interpretá-los a base do que vivemos, à luz da nossa própria identidade. Em sentido restrito, podemos usar o vocábulo leitura para comunicarmos a ideia de decodificação. Assim, em sentido mais amplo, usando uma abordagem semiótica, podemos entender leitura como um fenômeno que:

(...) se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um cesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e espaço, uma situação, desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor (MARTINS, 1994, p. 33).

A partir desse entendimento apresentado por Martins (1994) e corroborado através dos escritos de Kleiman (2002), entendemos que somos capazes de ler tudo o que está ao nosso redor a todo tempo - conceito este que para Martins excede o texto escrito - e, podemos ainda, fazer leituras diferentes de um mesmo evento em momentos diversos da nossa vida.

De acordo com Hall (2011, p. 370), “a realidade existe fora da linguagem, mas é constantemente mediada pela linguagem ou através dela: e o que nós podemos saber e dizer tem de ser produzido no discurso e através dele”. O conhecimento, a fala, nossas impressões sobre o mundo, tudo é produzido no e pelo discurso. Há algum tempo, a pesquisa em comunicação de massa desconsiderava a questão da “produção, circulação, distribuição / consumo, reprodução” (HALL, 2011, p. 364) que envolvia o processo comunicativo. Este era considerado apenas em sua linearidade: emissor / mensagem / receptor. Entretanto, recentemente, estes temas têm sido abordados a fundo. O receptor como sujeito ativo passou a ser levado em conta.

Nesse sentido, é impossível analisar qualquer produto midiático sem atentar para o papel do receptor. Segundo Thompson, “(...) a recepção é uma atividade situada: os produtos da mídia são recebidos por indivíduos que estão sempre situados em específicos contextos sócio-históricos” (THOMPSON, 2011, p. 67). Para o teórico, “(...) a recepção de um produto da mídia, implica (...) um certo grau de atenção e de atividade interpretativa por parte do receptor” (THOMPSON, 2011, p. 69).

Com isso, uma mensagem pode implicar diferentes tipos de impacto, dependendo do contexto sociocultural em que esteja inserido quem a recebe. O que, para alguns, não passa de frases vazias ou afirmações ingênuas, outros podem perceber como um conteúdo crítico e elaborado. Quando se trata da mensagem midiática, então, essa relação se exacerba, em função do alcance e a da diversidade de conteúdos.

Nesse sentido, a televisão parece ter uma força maior que os demais tipos de mídia. Segundo Baudrillard: “Diferentemente da fotografia, do cinema e da pintura, onde há uma cena e um olhar, a imagem-vídeo, como a tela do *computer*, induz a uma espécie de imersão, de relação umbilical, de interação ‘tátil’, como já dizia McLuhan sobre a televisão” (BAUDRILLARD, 1999, p. 146). O filósofo francês aponta ainda outras características do veículo que possibilitariam interação, modificação e até imersão:

Imersão celular, corpuscular: entramos na substância fluida da imagem para, eventualmente, modificá-la. Assim como a ciência se infiltra no código genético para transformar desse modo o próprio corpo. Livre para deslocar-se, cada um faz o que quer da imagem interativa, mas a imersão é o preço dessa disponibilidade ilimitada, dessa combinatória aberta. (BAUDRILLARD, 1999, p. 146)

Seguindo essa reflexão teórica, analisar um produto da mídia implica refletir sobre o impacto que este produto pode provocar. O objeto deste artigo é o programa mexicano *Chaves*, veiculado por canais de televisão latino-americanos, inclusive no Brasil. Para este estudo, analisaremos os episódios *Primeiro dia de aula*, *O violão do Seu Madruga*, *O dia das crianças*, *Vizinhança bem educada* e *Quem brinca de carpinteiro briga o tempo inteiro* do programa *Chaves*, na tentativa apontar as críticas sociais presentes tanto na caracterização das personagens como no que discursam, além de abordar aspectos identitários. O objetivo não é fazer um estudo de recepção, mas uma reflexão sobre a crítica social que o receptor poderia perceber no programa e, ainda, como este também poderia se identificar com as personagens aqui apresentadas.

Há mais de 40 anos, *Chaves* tem sido sucesso na televisão aberta brasileira ininterruptamente. A personagem principal, Chaves, criada e interpretada por Roberto Gómez Bolaños, atravessa gerações conquistando fãs por mais de 40 anos. O programa retrata a vida de um menino muito pobre, órfão, que tem como esconderijo um barril e vive numa humilde vila com diversas pessoas, que também serão brevemente analisadas em nosso estudo. Os episódios foram escolhidos aleatoriamente tanto para explicar a caracterização

das personagens como para apontar diálogos e/ou conversações que revelam críticas sociais, pois acreditamos que a crítica está presente na série como um todo e não numa temporada específica.

O sucesso do *Programa do Chaves* ao longo de muitos anos, sendo 30 deles no Brasil, não estava apenas relacionado à qualidade do elenco e às falas cômicas, mas também à identificação do público com as personagens e solidariedade às agruras por elas vividas. As críticas presentes nos episódios estudados, embora objetivassem retratar uma sociedade mexicana na década de 70, aplicam-se com muita propriedade à nossa atual organização social: ainda vivemos contrastes, desigualdades e pobreza similares. As organizações de família e relações interpessoais não estão muito distintas, apesar dos episódios terem sido gravados há algumas décadas. O presente trabalho não objetiva contemplar tampouco encerrar todas as críticas existentes no seriado, mas apontar algumas muito recorrentes que ainda estão impregnadas no imaginário da atual sociedade.

O *Programa do Chaves* e a construção das personagens

A Cidade do México passou por profundas mudanças sociopolíticas nos últimos cinquenta anos, o que refletiu positivamente em todo o mundo, uma vez que esta deixou de ser capital regional para assumir a posição de capital global proeminente tanto na economia quanto na comunicação (CANCLINI, 2010). Foi neste período prolífero de mudanças – especialmente no que diz respeito à questão urbana –, que há quatro décadas, mais precisamente em março de 1972, o ator Roberto Gómez Bolaños encarnou pela primeira vez a personagem que foi conhecida por um continente, impactou gerações e até a atualidade é a estrela de um dos programas mais populares transmitidos na televisão brasileira: o Chaves. Responsável por popularizar inúmeros bordões que são conhecidos por pessoas de diferentes faixas etárias, a protagonista, que dá nome ao programa representa a figura de um menino pobre, órfão, vestindo-se com uma espécie de macacão cheio de remendos e extremamente sujo que habita em uma vila igualmente pobre. O que imprime originalidade à série, além da atuação

de Bolaños – um adulto representando criança pobre de oito anos, sem passado e tampouco perspectiva de futuro –, são a bondade e ternura que parecem permear a construção da personagem. Florinda Meza, atriz que representou a personagem Dona Florinda e esposa do criador do seriado, testemunha no livro escrito por Roberto Bolaños:

No entanto, o Chaves do oito tem outra característica que o distingue de todos os outros adultos têm representado uma criança, quer na televisão, cinema, rádio, teatro ou qualquer outro meio similar: o Chaves não é o menino travesso, nem o mais tranquilo, criança boba demais, nem um menino bonito- mas que também não era feio-, não, o Chaves do oito só é o mais dócil (MEZA, 1995, p. 78 - tradução nossa).

Em 1972, no Brasil, 60% da programação exibida em rede nacional era estrangeira, contudo, já em 1983, houve queda para 30% da presença desse tipo de programação (CANCLINI, 1988, p. 311). É relevante ressaltar que, *O Programa do Chaves*, no entanto, manteve-se no ar por vários anos no Brasil, porquanto além de dar fôlego ao protagonista Chaves, Roberto foi também o responsável pela criação das outras personagens que contribuíram para o sucesso internacional e aceitação nacional do programa. O elenco de *Chaves* era formado pelos seguintes personagens:

Seu Madruga: O ator Ramón Gómez Valdez Castillo representou uma personagem que oscila entre a bondade e a necessidade de sobreviver sem muito trabalho. Como raramente trabalha, Seu Madruga prefere aproveitar as oportunidades encontradas, mesmo que aparentemente não muito éticas, para ter o que comer e sustentar a filha, uma vez que é viúvo. A personagem se enquadra, com propriedade, na definição de pobreza:

A pobreza pode ser definida de diversas maneiras: como falta de recursos (renda) para adquirir bens essenciais ou atingir um padrão de vida aceitável; de acordo com a quantidade real de gastos; como privação indicada pela falta de bens essenciais; como falta de capacidade para atingir determinado padrão de vida, quer esse padrão venha a ser seguido ou não; ou como a incapacidade de participar das atividades da vida cotidiana (PLATT, 2010, p. 157).

Carismático, porém, impaciente, Seu Madruga poderia simbolizar aqueles sem instrução formal que não têm perspectivas de ascender socialmente. Viver o hoje e o agora é o que vale, porquanto o amanhã é incerto. Sofre inúmeras humilhações por não ter boa aparência, não ser muito higiênico, não possuir muitos conhecimentos formais, embora em muitas cenas aparecesse lendo jornais. Possui uma dívida de 14 meses de aluguel, a qual não se mostra muito interessado em pagar, ainda mais porque pagá-la, implicaria trabalhar. Seu Madruga pode ser considerado ainda um exemplo de estoicismo, quando é vítima de uma injustiça e não reage a mesma.

Chiquinha: interpretada pela atriz Maria Antonieta de las Nieves, é a única filha de Seu Madruga, uma menina cheia de energia e dotada de grande astúcia. É muito esperta e, por vezes, vale-se disso para levar vantagem sobre os outros, o que revela uma forte tendência a ser uma sobrevivente como o pai o é. Criada apenas pelo pai, Chiquinha cresce sem sólido referencial de família, uma vez que as necessidades e capacidades naturais amadurecem segundo estágios de socialização vinculados à idade, através da absorção passiva de influências dos adultos, como tradicionalmente nos ensina a psicologia do desenvolvimento (DUNCOMBE, 2010 p. 110 -111).

Dona Florinda: Florinda Meza, esposa de Bolaños, vive o papel de Dona Florinda. Viúva, mãe superprotetora, essa personagem está sempre, inexplicavelmente, mal humorada. Julga-se superior aos demais residentes da vila, às vezes, definindo-se como membro da alta sociedade, contudo, partilha do mesmo ambiente de todos, ou seja, da mesma comunidade, o que gera uma grande contradição. Allan (2010), quanto ao atual sentido do vocábulo comunidade, esclarece:

Atualmente, seu (s) significado (s) popular (es) não apenas transmite(m) noções tradicionais de localidade e vizinhança comuns, mas também ideias de solidariedade e conexão entre pessoas que compartilham características ou identidades sociais semelhantes (ALLAN, 2010, p. 47).

Na verdade, a personagem reflete a falta de pertencimento, pois não consegue se sentir parte do grupo, nem reconhece que também é pobre julgando-se, contraditoriamente, diferente dos demais.

Quico: Carlos Villagrán também popularizou muitos bordões ao vivenciar o mimado Quico. Filho de Dona Florinda, Quico sofre *bullying* por ser bochechudo. Devido à educação e superproteção que recebe da mãe, o menino se julga superior aos colegas e sente prazer em desmerecê-los, entretanto, diferentemente de Dona Florinda, Quico interage mais com as outras personagens. Chiquinha copia a esperteza do pai, Quico imita a soberba da mãe.

Professor Girafales: Rubén Aguirre Fuentes vive o papel de um professor apaixonado por Dona Florinda sem, contudo, ser muito simpatizante do Quico. Essa insinuação de possível futuro relacionamento entre o professor e dona Florinda já representava, nos anos 1970, a forma como os lares e famílias se refaziam, constituindo uma nova configuração familiar. O modelo atual de família inclui filhos que podem não ser do mesmo ascendente, porquanto as relações de parentesco não são biológicas, mas um conjunto de relações sociais construídas sobre elas (HARRIS, 2010). A altura do ator pode estar relacionada com a personagem: um homem culto, cordial estando, no entanto, inseguro sobre como declarar sua paixão. Muitas vezes, aparenta soberba ao se expressar. Como professor, padece pelo insucesso ao tentar ensinar as crianças, que não apenas desprezam o saber, mas também têm pouco conhecimento de mundo. O professor Girafales enfrenta o desrespeito ao ser apelidado de diversos nomes e não consegue fazer com que os alunos participem de suas aulas devido à indisciplina e animosidade entre os colegas de classe.

Dona Clotildes: apelidada de Bruxa do 71, era vivida por Angelines Fernández Abad, que interpretava uma solteirona de meia idade apaixonada por Seu Madruga, com quem gostaria de se casar e, juntamente com Chiquinha, dar continuidade a família. Por causa da aparência, sofre ao ser chamada de bruxa, não apenas pelas crianças, mas também pelos demais residentes da vizinhança.

Senhor Barriga: Edgar Vivar foi responsável por dar vida à personagem Senhor Barriga, o dono da vila onde acontecem todas as confusões do programa. O peso do ator não apenas deu nome à personagem, mas também estabelece um contraste entre esta e o Seu Madruga: o primeiro, gordo e abastado enquanto o outro, magérrimo e pobre. Um trabalhava bastante, o outro foge de emprego. Senhor Barriga pertence a uma família próspera, Seu Madruga é um sobrevivente.

Há outras personagens com papéis menos proeminentes como: Dona Neves, bisavó da Chiquinha; Jaiminho, o carteiro preguiçoso; Nhonho, filho do Senhor Barriga; Popis, prima do Quico; Paty, a bela menina da vila; Godinez, um colega da escola. Houve também participações esporádicas, no entanto, sem muita relevância. Cada uma das personagens descritas acima representa a dualidade do ser humano manifesta nas várias identidades que a Contemporaneidade possibilita. Nos dias de hoje, o programa ainda é reprisado em algumas emissoras, tanto na TV aberta, como em canais a cabo, e há ainda uma versão de desenho animado, que é, na verdade, uma releitura dos antigos episódios.

A problemática da identidade do protagonista Chaves

Alguns teóricos frequentemente discutem a respeito de classificação para o momento em que estamos vivendo. Embora os termos sejam semelhantes, os conceitos se confundem e se complementam. Hall (2006) refere-se ao processo de globalização como agente marcante na modernidade tardia, o que a diferencia da modernidade. Bauman (1998) discute a mudança da modernidade para a pós-modernidade através da fragmentação e ruptura. Canclini (1998) distingue os termos modernidade – busca por referentes de legitimidade – e pós-modernidade. Podemos reconhecer no *Programa do Chaves* vários traços que nos permitem sua classificação como pós-moderno, se nos basearmos no conceito de Canclini (1998), ou seja, de entrecruzamento, imbricação, de representações sociais, educacionais e de papéis familiares. Todas as personagens do *Programa do Chaves* possuem características positivas e

negativas manifestadas através dos atos e visão e mundo, como é natural em todos os seres humanos. A personagem Chaves, nosso objeto de estudo nessa seção, apresenta a ausência de um nome próprio, o que resulta na primeira e talvez a maior crítica social feita pelo programa. Isto parece representar uma agressão à identidade do protagonista: por ser pobre, desprovido de tudo e órfão, Chaves é relegado à invisibilidade social. Em alguns episódios, a personagem não é sequer vista por Dona Florinda que considera Chaves inferior, insipiente. Podemos dizer que a criança que dá título ao seriado, o menino do oito, acaba por se tornar refém da invisibilidade por não expor seu nome verdadeiro. Chaves demonstra vergonha de si mesmo e de sua condição.

Para entendermos o problema da identidade de Chaves, recorreremos aos escritos de Hall (2006) que apresenta o mutante panorama da evolução dos diferentes conceitos de sujeito e identidade, partindo de uma ideia que era antes tomada como algo unificado, estável, para uma destinada à fragmentação, ao pertencimento, à diversidade. Contudo, Hall afirma não ser possível encerrar a discussão sobre este assunto, uma vez que é de extrema complexidade. Os conceitos discutidos por Stuart Hall relacionados a sujeito e identidade estabelecem, ainda, diálogo com os trabalhados por Ingedore Koch (2002). Hall aborda a questão da identidade, apontando três tipos de sujeitos: o sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e pós-moderno. Ingedore expõe os conceitos de sujeito psicológico, o sujeito social, o sujeito assujeitado e o psicossocial. O sujeito do Iluminismo, segundo Hall, é aquele unificado, centralizado. Koch trabalha o conceito de sujeito psicológico como o dono da sua vontade, o cartesiano movimentado pelo intelecto e percepção da sua existência. O sujeito sociológico, para Hall, é aquele que vive o preenchimento do interior e do exterior, ou seja, influencia a sociedade e é por ela influenciado. Koch afirma que:

Na verdade, porém, este ego [referindo-se ao sujeito psicológico] não se acha isolado em seu mundo, mas é, sim, um sujeito essencialmente histórico e social na medida em que se constrói em sociedade e com isso adquire a habilidade de interagir. Daí decorre a noção de um sujeito social, interativo, mas que detém o domínio de suas ações. (KOCH, 2002, p. 14)

Dessa forma, a identidade do sujeito não é mais fixa e única. A pós-modernidade abriu portas para o conceito de sujeito fragmentado, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. Para Hall:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também abalando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p.9)

De acordo com esse enfoque, a identidade não pode ser considerada como algo biológico, ou apenas psicológico ou ainda apenas relacionada à questão social. Nesse sentido, Koch (2007) aponta para o sujeito psicossocial, atribuindo ao mesmo um caráter ativo, consciente, dentro da sociedade tanto para reproduzi-la como para transformá-la, não vivendo a passividade do sujeito assujeitado.

Chaves, uma criança de oito anos, parece não ter um passado e sua vida se resume aos limites da vila. A priori, pode-se assumir que a personagem de Roberto Gomez Bolaños vive dentro de um barril no pátio da vizinhança, entretanto, Chaves revela que vive no número 8. Essa suposta residência da personagem também é desconhecida na série. Assim, temos alguém sem passado, sem nome, sem residência e sem futuro. Com isso, concluímos que a identidade dele não foi apenas fragmentada, mas parece ter sido subtraída, como foi e é na história de muitos pobres e indigentes ao longo do nosso território nacional e da América Latina em geral.

A mais importante personagem de Roberto Bolaños, na verdade, representa várias vozes, que poderiam estar tanto no México de 1972 quanto no Brasil de hoje. Embora o programa televisivo tenha iniciado em 1972, no México, retratando aquela sociedade, a presença de meninos abandonados, sem perspectivas de sequer experimentarem uma refeição decente ainda é uma grave realidade no Brasil, 40 anos depois da transmissão do primeiro episódio. Vivemos ainda hoje, no século XXI, a desigualdade social sobre a qual Bauman afirma:

A desigualdade – intercontinental, interestadual e, mais seminalmente, intra-societária – está mais uma vez alcançando uma escala que o mundo de ontem, confiante em sua capacidade de se autorregular e se autocorriger, parecia ter deixado para trás de uma vez por todas (BAUMAN, 2001, p. 112).

Apesar de decorridas quatro décadas, o *Programa do Chaves* continua atual e aplicável da situação de meninos órfãos no Brasil. A personagem reflete as condições precárias de vida às quais tanto Chaves quanto as crianças de hoje são relegadas e as privações que um miserável pode perpetuar se não experimentar mudança.

Bolaños conseguiu dar visibilidade e voz a um indivíduo ficcional que representa aquele ser cuja identidade é ignorada diariamente nas grandes e pequenas cidades. Chaves é o retrato da perpetuação da pobreza, da subexistência. Aquele que, caso consiga se inserir no mercado de trabalho, viverá para servir sem ter, ao menos, o nome revelado ou qualquer curiosidade quanto à vida suscitada.

Exemplos de crítica social em episódios de *O programa do Chaves*

O objetivo desta seção é extrair de alguns episódios do *Programa do Chaves* diálogos que revelem crítica social aplicável aos dias atuais, corroborando as discussões feitas anteriormente e ampliando-as, quando pertinente. Como existem, além das críticas, diferentes estratégias para tornar o enredo de cada programa interessante, decidimos não analisar cada episódio por inteiro, mas sim estabelecer ligações entre eles e as críticas sociais encontradas. Cabe-nos expor que há muitos questionamentos em diversas temporadas da série, por isso, optamos por trabalhar apenas alguns episódios aleatórios configurando um recorte, ou seja, uma amostra de toda a série.

No episódio *Primeiro Dia de Aula* (1979), é possível perceber duas críticas que merecem destaque: 1) ausência de família / solidão e 2) agressão à identidade de Chaves. É o primeiro dia de aula e as crianças dizem ser necessário que os pais as levem à escola. De um lado, temos Quico aguardando

a mãe e, do outro, Chiquinha aguardando o pai. Esse modelo de família composto por apenas um dos pais – monoparental -, ganhou reconhecimento a partir do artigo 226, § 4º da Constituição Federal de 1988 e tem se tornado bastante comum na atualidade. Anteriormente, o conceito de família era aquele que incluía a presença de ambos os pais. Chaves, contudo, não tem ninguém para levá-lo à escola, não tem família. Após as demais personagens saírem de cena, o menino do oito fica triste e hesitante quanto ao que fazer. A segunda crítica é a agressão à identidade da personagem. Ao chegar atrasado à escola, Chaves ouve de seu professor a seguinte declaração: “Ah, faltava você, Chaves. Acredita que nem tinha notado?” A frase parece ser natural em qualquer diálogo, uma vez que a memória de todos pode falhar. Porém em se tratando de Chaves, ao longo dos episódios, é possível perceber que, para as demais, a personagem parece ter pouco a oferecer para merecer ser lembrado.

No que diz respeito à pobreza, há também o episódio *O Violão do Seu Madruga* (1978) ilustra tal situação: Quico, já satisfeito ao comer o sanduíche de presunto – prato predileto do Chaves -, joga o resto fora. Chaves, embora tenha dito não estar com fome, protesta veementemente. Diz que poderia ter dado o resto do sanduíche ao “Centi”, um suposto amigo a quem é muito semelhante. Na verdade, o tal “Centi” não existe, porém para o pobre menino admitir que está com fome e quer comer o resto do sanduíche alheio, é muito difícil. É mais fácil criar uma identidade, mesmo que imaginária, para se sentir, mesmo que por um momento, menos desprivilegiado.

No episódio *O dia das Crianças* (1979), podemos perceber duas outras críticas relacionadas à fome e à condição do protagonista transcritas abaixo:

Dona Florinda: Você gostaria de ter dinheiro para comprar um agasalho, não é mesmo, Chaves?

Chaves: Não.

Dona Florinda: Não?!

Chaves: Não, se eu tivesse dinheiro, preferiria comprar comida.

Paty: Eles dão bolo para gente, mas fazem a gente comer toda a verdura.

Chaves: Escuta, Paty. O que tem de mau as verduras?

Paty: Não, as verduras não têm nada de mau.

Chaves: Então o quê?

Paty: O mal é ter que comê-las.

Chaves: Não, o mal é não ter o que comer.

No episódio *Vizinhança Bem Educada* (1978), encontramos uma simples conversa que revela a que ponto a fome pode levar alguém, até mesmo fazendo com que este aceite o que ninguém mais aceitaria:

Chiquinha: (...) você destruiu as costelas de porco da Dona Clotilde.

Chaves: Mas eu nem toquei nela (referindo-se à Dona Clotilde).

Dona Clotilde: Quê?

Chiquinha: Eu estou falando das costeletas de porco que ela acabou de comprar. E agora quem vai comer isso?

Chaves: Eu.

Ser constantemente privado de refeições decentes pode ser a segunda crítica de toda a série. A pobreza de Chaves é retratada em toda caracterização da personagem como nas roupas maltrapilhas, falta de higiene e, sobretudo, através do que ela verbaliza.

Ainda no episódio *Vizinhança bem educada*, percebemos uma crítica quanto à percepção da escola como lugar de formação total, ou seja, desde os conhecimentos formais até os princípios básicos de educação e civildade:

Dona Florinda: Deveria ter vergonha do tipo de educação que sua filha recebe (referindo-se à Chiquinha).

Seu Madruga: Bom, eu “tô” fazendo o possível para mudá-la de escola, mas não dá, né?

Dona Florinda: Eu estou falando da educação que ela recebe em casa. Na escola, ela tem a zelosa orientação do professor Girafales.

Dona Florinda, através do seu discurso, distingue dois tipos de educação, a saber, a formal e a familiar. A personagem parece acreditar que o professor Girafales seja extremamente competente quanto à formação formal da menina e reclama de como o pai educa Chiquinha no contexto familiar, de bons modos e valores. Seu Madruga apenas entende por educação o que se aprende na escola. Ele não consegue enxergar que a formação da filha depende também dos princípios que ele divide com ela. A escola, na atualidade, passou a ser responsável por inúmeros valores que deveriam incutidos dentro dos lares, pelos membros das famílias. Contudo, em função das condições a que várias famílias

são submetidas na atualidade – de miséria, falta de perspectiva, violência doméstica, problemas envolvendo álcool e outros tipos de droga, por exemplo -, este papel, em muitos casos, foi relegado à escola.

Quando o assunto é sobrevivência, podemos citar a personagem de Seu Madruga como um exemplo, já que, em diferentes episódios, o preguiçoso se aventura em distintas profissões: barbeiro, vendedor de muambas, vendedor de churros, pintor, entregador de lenhas, leiteiro, sapateiro. No episódio *Quem brinca de carpinteiro briga o tempo inteiro* (1973), a personagem encarna um carpinteiro:

Chaves: O senhor é carpinteiro?

Seu Madruga: Oh, Chavinho. Hoje eu sou carpinteiro, amanhã faxineiro, depois quem sabe?

Como precisa sobreviver, Chaves pensa apenas no hoje. Conforme as coisas vão acontecendo, adapta-se às demandas. A personagem não aparenta ter interesse na mobilidade social, que embora seja um conceito muito amplo, pode ser simplificada como “tipos de posições sociais entre os quais os indivíduos podem mover-se” (MILLS, 2006, p.128). Já não pagava o aluguel há meses, conseguia viver de pequenos trambiques, não se preocupava com perspectiva de melhora desde que o hoje, para ele, estivesse garantido.

Os diálogos conversas extraídos do seriado servem para ilustrar as críticas sociais presentes na série. Contudo, cabe-nos ressaltar que as próprias identidades assumidas pelas personagens já configuram uma crítica. Segundo Howart (2006), as ideias mais recentes com relação ao discurso relacionam a fala e a escrita a contextos sociais, portanto, o que as personagens verbalizam reflete o que são e como veem o mundo. Além da oralidade, a maneira como se vestem, gesticulam e se relacionam entre si corrobora o que discursam.

Considerações finais

Um programa ficar por anos no ar e continuar a ser reprisado, mesmo muito tempo depois de seu fim, não é tarefa fácil, ainda mais para agradar um público cada vez mais exigente, que está sempre buscando novas fontes e formas de entretenimento. Essa faceta e sucesso podem ser atribuídas ao Chaves do oito, que continua atual e interessante não apenas para aqueles que acompanhavam o programa nos anos 70 e 80, como para as crianças de hoje em dia.

Ao longo de quatro décadas de presença cotidiana na televisão brasileira, percebemos que, embora muitas formas de organizações sociais tenham mudado, os diálogos e conversas presentes no *Programa do Chaves* parecem refletir vários aspectos da pós-modernidade. Vimos como as personagens comunicam através das roupas, gestos, linguagens e identidades, um modo de vida que pode ser encontrado no dia-a-dia de muitas comunidades atualmente. Estudamos a forma como se veem e como se veem em relação aos demais dentro de uma lógica de pertencimento. Procuramos permear este artigo com falas das personagens no tocante à crítica social, contudo, há também, embora não fosse objeto desse estudo, diversos momentos em que valores positivos e humanos foram transmitidos aos espectadores: estímulo ao perdão, à solidariedade, ao amor fraterno, à sensibilidade em relação à dor alheia, aos conceitos de higiene, ao compartilhamento etc. Para aqueles que cresceram expostos às conversações das personagens, foi dada a oportunidade de acompanhar a dualidade da natureza humana tanto no discurso quanto nas atitudes.

O segredo do sucesso do programa excede os textos cômicos, roteiro e a atuação dos atores. Na verdade, foram estes ingredientes, aliados à humanização das personagens vivendo experiências de sobrevivência, convívio, conflito e aceitação, que contribuíram para fazer de *Chaves* um sucesso de audiência. A possibilidade de ver na TV o dia-a-dia de pessoas comuns lidando com problemas de pessoas normais, rotineiros, proporcionou êxito à série.

Como ressaltamos, o receptor não é passivo e, por isso, ele é capaz de se identificar, se revoltar, criticar ou simplesmente aceitar o que vê. No caso de *O programa do Chaves*, a primeira afirmativa parece ter sido a mais provável – a identificação do público. Além disso, como buscamos demonstrar, o programa

traz uma crítica social que, como vimos, reflete a condição de grande parte da população latino-americana – da década de 1970 aos dias atuais.

Referências bibliográficas

ALLAN, Graham. Comunidade In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. *Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUMAN, Z. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2010.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

DUNCOMBE, J. Infância In SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HARRIS, Chris. Parentesco, família e casamento In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

HOWARTH, David. Discurso In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 13ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MEZA, Florinda, Histórico In: BOLAÑOS, Roberto Gómez. *El diario De el Chavo Del Ocho*. G Punto de Lectura, 1995.

MILLS, Colin. Mobilidade In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PLATT, Lucinda. Pobreza e desigualdade In: SCOTT, John (org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL Texto promulgado em 05 de outubro de 1988 disponível em:< www.senado.gov.br > acesso em: 31 out 2012.

O Chave do oito. Direção de Enrique Segoviano & Roberto Gómez Bolaños. México. Televisa, 1971 - 1979.